

NOVO VELHO

*** Roberto Rodrigues**

Os grandes saltos de competitividade alcançados pela agropecuária brasileira se devem essencialmente aos avanços tecnológicos, seja com novas variedades cultivadas ou práticas de cultivo, seja com o uso racional dos insumos, novos equipamentos, etc, e é reconhecido o extraordinário papel da EMBRAPA no processo de geração de conhecimento para o campo. Criada em 1973, ela é hoje referência mundial em excelência tecnológica.

No entanto, muito antes dela, instituições hoje centenárias deram início à moderna agricultura brasileira extensiva substituindo o velho modelo extrativista ou de subsistência pela nossa atual competência alicerçada em conhecimentos científicos. É histórico o papel desempenhado pela ESALQ/USP, e pelo IAC, fundado em 1887, entre outras importantes instituições de ensino, pesquisa e extensão rural paulistas.

O legado do Instituto Agrônomo de Campinas é extenso: o estabelecimento da cultura diversificada em contraposição à monocultura do café; a importância do conhecimento do ambiente agrícola (solo, clima, recursos hídricos); a adubação em bases científicas; o melhoramento genético de culturas de interesse econômico e a expansão do cultivo de espécies de clima temperado no ambiente tropical são exemplos notáveis.

Hoje o Agrônomo trabalha no melhoramento genético de espécies de interesse energético, como cana-de-açúcar, mandioca, mamona, amendoim, girassol, pinhão manso, soja; de espécies de interesse alimentício, como arroz, feijão, trigo, mandioca, batata e frutas cítricas. Este melhoramento genético é um trabalho de longo prazo e de extrema precisão e envolve a resistência às doenças existentes no Brasil, estresses do ambiente, limitações de fertilidade do solo, etc. Isto tudo é auxiliado pelo estudo do ambiente agrícola, como dados meteorológicos, recursos hídricos disponíveis, a aplicação das ferramentas de biologia molecular para o conhecimento das características genéticas, seja das plantas, seja dos organismos causadores de doenças. Há esforços na calibração do uso de macro e micronutrientes, permitindo maior economia, menor desperdício de insumos e menor agressão ao meio ambiente.

A Secretaria da Agricultura e o Governo do Estado reconhecem a excelência do trabalho desenvolvido no IAC e estão aportando recursos crescentes na infra-estrutura para pesquisa. Agências de fomento, como o CNPq e a Fapesp fazem o mesmo.

Todo este trabalho corre o risco de ser interrompido caso permaneçam as condições atuais de remuneração dos cientistas.

Dos 196 pesquisadores do IAC, 190 têm pós-graduação, mas em 3 anos, cerca de 40% deles terão tempo para aposentadoria, o que já é um problema para a continuidade dos trabalhos.

Pior: o salário inicial de um pesquisador do IAC é de R\$ 2.700,00, enquanto que na EMBRAPA chega a R\$ 6.900,00. Viva a EMBRAPA, que fará um concurso no final do ano para contratar cerca de 700 novos pesquisadores.

Seria natural que os excelentes técnicos do IAC mudassem de time, rompendo a bela história que nos lançou no cenário agrícola global.

Temos um extraordinário Secretário de Agricultura em São Paulo, jovem, entusiasmado, lutador, que se preocupa com este cenário. É preciso dar a ele todo o apoio para fortalecer o IAC e os outros órgãos de pesquisa e extensão do Estado, base do nosso progresso.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**